

tanto, compromisso de todas as áreas escolares. Nesta perspectiva, o trabalho na área específica das ciências naturais se utiliza das habilidades de leitura e escrita em diferentes situações de aula, que vão desde a elaboração de questionários, de apontamentos, até a interpretação e construção de representações gráficas diversas. Porém, mais importante que estes usos funcionais, a linguagem escrita pode ser considerada como um dos meios mais eficazes através dos quais a ciência constitui-se e constrói realidades.

A constituição das ciências naturais e de seus conceitos pode também ser entendida como uma construção semântica, sustentando-se no significado compartilhado de determinadas palavras. Na escola, estas palavras, através das quais procuramos aproximar o/a aluno/a da realidade que a ciência constrói, devem partir do pressuposto que este é um processo comunicativo que implica existência de um conjunto de significados socialmente compartilhados, que se apresentam nas salas de aula sustentados em interações verbais. Donde cabe perguntar se todos os significados são socialmente compartilhados, tendo em vista que para um mesmo grupo podemos ter diferentes significados para uma mesma palavra. Por exemplo, a palavra “evaporação” pode estabelecer múltiplas conexões semânticas num coletivo de alunos, tais como: desaparecimento de matéria, queima, reação química, mistura de algo com o ar, processo de mudança de estado exclusivo da água, mudança de estado físico, entre outros.

Frente a esta natureza complexa e dinâmica dos significados, destacamos a importância da análise semântica da linguagem empregada pelos alunos, já que podemos conceber a aprendizagem como algo suscetível de ser representado por processos de diferenciação e globalização semânticos. Sendo assim, ler e escrever na área das ciências transcende o simples ato, tornando-se uma das principais formas de aprendizagem utilizadas, não podendo considerar-se a linguagem somente como mais uma habilidade do ser humano, mas atribuindo-lhe o caráter de construtora de realidades, do conhecimento e da ciência.

O que foi escondido é o que se escondeu

A ciência escolar, termo que utilizaremos para identificar as ciências naturais ensinadas no ambiente escolar, difere da ciência praticada pela academia tanto em relação aos seus objetivos como em relação às suas práticas, ou seja, difere na sua constituição. A ciência es-

colar deve possibilitar a ampliação da leitura de mundo, questionando e apresentando novas perspectivas para análise dos eventos que cercam os/as alunos/as. No entanto, o que percebemos de forma geral é que, com sua linguagem esotérica e desconectada da realidade de alunos/as, esconde bem mais do que revela novas perspectivas de ver o mundo, propiciando, deste modo, a construção de um outro mundo - o mundo das ciências - que tem suas próprias palavras para explicá-lo, distinto do mundo que vivemos, dos acontecimentos cotidianos e da linguagem coloquial.

Diante do que está colocado até então, temos claro que a ciência tem uma linguagem específica, particular para explicar e construir o mundo que nos cerca, a nós mesmos e a todas as inter-relações possíveis. Cotidianamente temos uma outra linguagem que explica estes mesmos eventos.

Traçando alguns paralelos poderíamos dizer que a linguagem da ciência está muito mais próxima da escrita, buscando a objetividade da identificação de coisas e processos por registros impressos, enfatizando produtos do trabalho científico, na maioria das vezes apresentada de modo impessoal e explicativo através de conceitos que generalizam eventos. Contrariamente, a linguagem cotidiana, em geral, estaria mais próxima da fala, enfatizando o mundo dos acontecimentos; contextualizada, porém intrincada, apresentando-se na perspectiva dos/as diversos/as narradores/as; sendo, muitas vezes, mais automática do que consciente.

Representar e ler este mundo tem uma amplitude maior que entender os conceitos cristalizados pela linguagem científica. Implica, isto sim, perceber a ciência-linguagem científica como um recorte da realidade que deve ter um compromisso com o todo, estabelecendo relações significativas com as demais formas de ler este mundo.

Ler o mundo pode significar apropriar-se das diversas formas de pensar que ecoam neste planeta e das diversas formas de explicar os fenômenos que ocorrem em nosso cotidiano, assim como estabelecer relações entre os diferentes saberes que fazem parte da nossa cultura. Nesta ótica, o ler e o escrever se instituem não como meros instrumentais teóricos de apropriação da cultura, mas como fazendo parte de um universo mais amplo de possibilidades, onde... *a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da-quele* (Freire, 1993, p.20)

Para dar conta desta necessidade, muitos autores se referem ao termo *alfabetização em ciências*, assim como nas outras áreas, no sen-